

APRESENTAÇÃO

O dossiê deste número da *REVELL – Revista de Estudos Literários da UEMS*, que tem como tema *A literatura francesa na República Mundial das Letras: convergências*, oferece um conjunto de artigos que cobrem um amplo espectro de pesquisas, as quais retomam e questionam alguns truísmos da área de Letras no que se refere à literatura francesa e o seu papel na República Mundial das Letras. É senso comum afirmar que os diferentes modos de expressão artística da França, com especial destaque para a literatura, ocupam um centro imaginário do mundo moderno e contemporâneo, que tem raízes em fortes fatores históricos e geopolíticos. A imagem da cidade de Paris é a de um cenário em que se movem não apenas escritores e artistas franceses, mas também a de um polo cultural que atrai personalidades dos campos artístico e literário oriundos dos mais diversos horizontes.

A “Capital do século XIX”, e também de outros séculos, é vista internacionalmente como um modelo para modos de publicação, recepção da crítica, criação de gêneros, tendo estabelecido bases legais, estéticas e profissionais para a carreira de escritor e a fortuna de editores. O livro enquanto suporte e o romance que se torna um gênero literário dominante, para o mesmo olhar que tira do foco ou simplesmente descarta os demais suportes e gêneros, ocultam o fato de que, no século XIX, a imprensa (com jornais, revistas, folhetos e panfletos) – impulsionada pela renovação das técnicas de impressão, a multiplicação e a velocidade das redes de distribuição e o contagiante movimento de popularização da leitura que não mais se encerra no limitado círculo de uma elite erudita – aparece como espaço privilegiado da circulação de textos, em paralelo com o mundo da edição que se afirma no modo capitalista de produção cultural.

Os países ocidentais muito se espelham nos valores literários franceses enquanto buscam novas vias para constituírem suas literaturas nacionais. A rivalidade militar e comercial entre certas nações da Europa é reduplicada por uma competição para ocupar posições dominantes de prestígio, também no campo literário. Embora no século XX, e talvez mais ainda no século XXI, o mesmo movimento ligado a fatores militares e econômicos desloque, em parte, para um eixo anglo-saxônico e anglo-americano essa centralidade cultural, e a produção literária de outras nações busque reagir a situações de domínio literário, renovando temas, gêneros e suportes, a forte centralidade da literatura de expressão francesa e seus modos de circulação e recepção merecem ainda ser investigados. Os artigos publicados neste dossiê, portanto, contemplam e renovam diferentes abordagens do tema.

Jean-Yves Mollier, em *De la République des Lettres du XVII^e siècle aux intellectuels de la fin du XIX^e*, oferece um percurso histórico, com um recorte temporal que vai da publicação da *Encyclopédia* organizada por Diderot, no século XVIII, ao engajamento dos intelectuais no processo que condenou e posteriormente inocentou o capitão Alfred Dreyfus, em fins do século XIX e início do século XX. Mollier dá ênfase ao fundo de leituras compartilhadas pelas elites em sua formação e às suas instituições de ensino, como as universidades e as escolas militares, em um espaço de circulação de bens culturais que compreende nações da Europa e da América, o qual foi redesenhado pelos modos de produção e distribuição de livros e impressos que atravessaram fronteiras nacionais. Para Joseph Jurt, em *Le long chemin vers l'autonomie littéraire en France et la lutte pour l'indépendance littéraire dans la périphérie francophone*, o campo literário francês e suas instituições se transformaram ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, tendo resultado, entre outros fatores, das mudanças do estatuto e da função do escritor na sociedade francesa e de seus embates com as instâncias de poder, tanto no regime monárquico quanto no Estado republicano. As figuras do escritor-acadêmico no século XVII, do

escritor-filósofo no século XVIII e do escritor-jornalista no século XIX contribuíram para o prestígio internacional da literatura em língua francesa e se constituíram em modelos ou contramodelos para escritores das demais nações, o que faculta ao pesquisador discutir o conceito de campo literário (Bourdieu) em outros contextos nacionais. Em *Escrituras a la intemperie en la literatura de expresión francesa*, visando examinar o tema e indo além das abordagens que recorrem à categoria de literaturas pós-coloniais, Natalia Lorena Ferreri traz uma reflexão sobre uma experiência radical da diferença contemporânea, aquela do estrangeiro. A pesquisadora propõe uma nova categorização, a de literatura extraterritorial de expressão francesa, considerando dois vetores, o exílio e a mudança de língua – “la lengua teje filiaciones por sobre los mapas” – em uma perspectiva transnacional. A violência simbólica e a busca por legitimação recíproca, entre uma literatura que se quer central e expressões culturais de nações que a “centralidade” vê como periféricas, se veem expostas, igualmente, por João Ricardo da Silva Meireles e Paula Regina Siega. Os pesquisadores, em *Chanson douce e Petit Pays: literatura migrante em evidência nos prêmios Goncourt 2016*, reconstituem o histórico de premiação de romances pela Academia Goncourt, dando destaque à literatura migrante contemporânea, e analisam a representação da questão migratória em uma França multiétnica, em dois romances premiados em 2016.

A literatura brasileira e seus diversificados modos de recepção da literatura francesa pelo Brasil oitocentista constituem o tema central dos artigos de autoria de Leonardo Mendes e Aline Moreira, *Rabelais e a imaginação licenciosa no Brasil oitocentista*; Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina, *Émile Zola, literatura, celebridade e objetos derivados no Brasil oitocentista*; e Daniel Augusto Pereira Silva, *A recepção crítica e historiográfica da ficção decadente na França e no Brasil: convergências e inconsistências*. Leonardo Mendes e Aline Moreira voltam-se para obras licenciosas de autores portugueses e brasileiros, publicadas a partir de 1870 em periódicos e em volume, que tomam a obra do

escritor renascentista francês François Rabelais como ponto de partida e referência de legitimação. Os pesquisadores situam esse gênero de narrativa em um espaço transnacional em que a França se torna a “terra do amor e do erotismo”, produzindo modelos para a emulação em uma tradição erudita humanista, e destacam questões ligadas à ampliação do mercado de leitores, à relação entre a pornografia e a massificação dos impressos e aos implícitos políticos dos escritos pornográficos. Realizando pesquisa de fontes em textos publicitários de periódicos brasileiros, Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina explora um outro modo de circulação de estéticas, autores e obras que, da mesma maneira, rompe as fronteiras nacionais. O pesquisador discute a proliferação de objetos relacionados à celebridade de certos autores – “objetos derivados”, que atestam a popularização da literatura francesa no Brasil, nas últimas décadas do século XIX e na virada do século, destacando o naturalismo, a obra e os personagens de Émile Zola, e conclui afirmando que tais objetos inspirados por celebridades do mundo literário já expressam “o fenômeno da cultura globalizada e a conexão cultural [...] entre países de continentes diferentes”. Daniel Augusto Pereira Silva volta-se para a literatura decadente em prosa e sua recepção em França e no Brasil. O pesquisador registra uma instabilidade terminológica e conceitual implicando narrativas que não chegariam a representar uma escola ou um movimento, propondo denominá-las “prosa de ficção decadente”. Ele enfatiza que sua linguagem, com destaque para a *écriture artiste*, foi vista como “uma espécie de idioma estrangeiro”, alvo de críticas negativas de inspiração nacionalista, que são redimensionadas pelo pesquisador. As dificuldades de categorização de estéticas e seu corolário apreciativo, com resultados precários, tanto em França quanto no Brasil, resultariam, em grande parte, do constante movimento dos agentes literários, visando o controle e a estabilização de seus respectivos campos. A crítica de influência, positiva ou negativa, integraria, então, o arsenal das estratégias das lutas por dominância no campo literário brasileiro oitocentista.

Em *Alcântara Machado, leitor de Blaise Cendrars: Modernismo e narrativa de viagem em Pathé-Baby*, Lucas da Cunha Zamberlan avalia a ligação entre Blaise Cendrars, escritor suíço, e a intelectualidade brasileira do modernismo, em uma perspectiva comparatista, ligação que o pesquisador define como um processo de “trânsito cultural” e “jogos de espelhamento”. Ao analisar *Pathé-Baby*, livro de estreia de António Alcântara Machado, o pesquisador explora a incorporação de novas linguagens na literatura, chamando atenção para o gênero da narrativa de viagens e para a “técnica narrativa cinematográfica que se formata e se molda à projeção visual de uma câmera Pathé-Baby”.

Os artigos seguintes, *Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional* de Valéria Cristina Bezerra e Priscila Renata Gimenez; *Junius Villeneuve e a circulação de estratégias de edição francesas no Brasil do século XIX: romances-folhetim e o Museo Universal* de Odair Dutra Santana Júnior; e *Humberto de Campos e a tradução de ideias francesas na coluna “Vida literária”, do Correio da Manhã* de autoria de Daniel Castello Branco Ciarlini constituem estudos de caso em que a presença de obras de autores franceses no campo literário brasileiro traz para a cena o protagonismo da imprensa periódica na formatação de novos gêneros literários. Destaca-se nestes artigos a contribuição da pesquisa de fontes para um olhar crítico sobre as relações entre a literatura de expressão francesa e a literatura brasileira que não se fundamenta na vaga noção de influência. Valéria Cristina Bezerra e Priscila Renata Gimenez dissertam sobre a dinamização da produção ficcional brasileira a partir da tradução de *Le Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, primeiro romance-folhetim traduzido no Brasil, em 1838, e a difusão de suas obras posteriores. As pesquisadoras interrogam a trajetória (Bourdieu) do autor, que os críticos em França associaram à “literatura industrial”, e sua inserção no espaço literário brasileiro – a qual é fortemente tributária da atuação de Junius Villeneuve, editor do *Jornal do Commercio*, e do editor e livreiro Baptiste-Louis Garnier – ao mesmo tempo que buscam “observar a

participação do Brasil no espaço internacional de circulação de obras e de consagração de autores”. Odair Dutra Santana Junior dedica-se a discutir a atuação como mediador cultural do editor Junius Villeneuve à frente da tipografia do *Jornal do Commercio*, na criação da revista ilustrada *Museo Universal, jornal das famílias brasileiras*, e sua participação na centralidade da literatura francesa e das artes visuais francesas na perspectiva de uma República Mundial das Letras. A história do *Jornal do Commercio* e do *Museo Universal* se confunde com aquela das novas técnicas mecânicas de impressão de textos e imagens, e a introdução de um novo formato de publicação de romances, o romance-folhetim, gênero a respeito do qual o pesquisador resgata de um certo esquecimento obras cujos autores não figuram nos cânones literários. Encerra-se este dossiê com a reflexão de caráter teórico-metodológico proposta por Daniel Castello Branco Ciarlini a respeito dos recortes temporais da pesquisa em história social – as “limitações com que se depara o pesquisador ao lidar com o tempo de curta duração” (Braudel) – e do tradutor como agente do campo literário (Casanova). O objeto de análise do ensaio de sua autoria é constituído pelos dez primeiros textos assinados por Humberto de Campos, em “Vida literária”, coluna do *Correio da Manhã*, e a contribuição da “tradução” de ideias francesas para a formação de um gosto e uma estética brasileiros.

Este dossiê, que tem como objetivo acolher ensaios e artigos que resultassem de pesquisas voltadas para a circulação de temas, estilos e gêneros literários entre a literatura francesa e outras literaturas, destaca as relações complexas e por vezes conflitantes entre literaturas ditas nacionais e privilegia um quadro teórico-metodológico que redimensiona a chave de leitura baseada na noção de “influência”. As disciplinas afins da história das instituições, da história do livro e da imprensa, da sociologia da literatura, dos estudos de comunicação e tradução assim como os métodos comparativos e a pesquisa de fontes são aqui convocados pelos pesquisadores em abordagens

transdisciplinares. Ao examinar o tema sob o viés da francofonia e dos diferentes modos de contribuição da literatura francesa para a literatura brasileira, abrem-se aqui novos horizontes para pesquisas. Por outro lado, em tempos de globalização, *fake news*, bombardeios cibernéticos, guerra de notícias e suportes digitais para novos gêneros literários, a informação e a reflexão sobre a literatura, seus modos de produção, circulação e recepção contribuem sempre para que se qualifiquem leitores críticos, cada vez mais lúcidos diante dos jogos de poder que são os ataques ao mundo da literatura e das artes.

Para além do dossiê temático, esta edição também conta com artigos em temática livre, assim como uma resenha e um texto de criação literária inédito.

Celina Moreira de Mello

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina